

Fortes D'Aloia & Gabriel

Galpão

Rua James Holland 71 | 01138-000 São Paulo Brasil

T +55 11 3392 3942 | www.fdag.com.br

Rodrigo Cass
libera abstrahere

Por Ana Paula Cohen

libera abstrahere é o conjunto de 12 novos vídeos realizados por Rodrigo Cass (São Paulo, 1983). Cada vídeo se relaciona a uma das 12 pinturas da obra *manifest material*, de 2021. *libera abstrahere* é também o título do livro monográfico do artista lançado junto a esta exposição, em que ambos os corpos de obra – *manifest material* e *libera abstrahere* –, estão postos em diálogo. Os 12 vídeos têm a mesma sequência de cores das 12 pinturas: cinza, amarelo-limão, roxo-ultramar, azul de cobalto, vermelho, laranja de cádmio, rosa-pink, linho cru, azul da Prússia, verde de cobalto, rosa, azul-ultramar. As cores estão tanto no linho que envolve os suportes tridimensionais onde os vídeos são projetados, quanto nos elementos filmados, transformando as projeções em pinturas de luz e cor. Para cada vídeo de *libera abstrahere*, um novo trabalho em concreto e guache sobre papel foi realizado; eles funcionam como notas, anotações, pontuando a paisagem de cores em movimento da exposição.

Há uma experiência sonora proposta para o espaço: no áudio de cada vídeo, além do som da ação filmada, há um ruído de fundo, chamado de ruído rosa, filtrado de forma que cada trabalho emitirá a frequência de uma das 12 notas da escala musical ocidental. Ao percorrer a exposição, nos deparamos com consonâncias e dissonâncias sonoras, experimentando zonas de conforto e/ou desconforto na relação do corpo com as diferentes áreas de som.

A produção de Rodrigo Cass parte de elementos constitutivos do campo bidimensional, como as grades retangulares, as molduras e paspartus ou as superfícies de cor. Há uma contínua construção e desmonte de tais estruturas. Transbordamentos, quedas e explosões desfazem estruturas retangulares, sem nunca deixar de sustentar o plano da tela, seja no vídeo ou na pintura. É como se presenciássemos o momento do derrame, da queda, da virada de paradigma. Como se os trabalhos estivessem *em revolução permanente*, como se nunca terminassem de se desfazer.

O retângulo, o quadro, a moldura, o marco, os ângulos retos que estruturam e aprisionam as subjetividades ocidentais/ocidentalizadas estão presentes em cada elemento da nossa arquitetura (cantos, janelas, pisos), assim como delimitam todas as formas de representação bidimensional (fotografias, pinturas), e recortam toda imagem vista por intermédio de telas de computador, celular, cinema. Frequentemente nos esquecemos que nossos corpos e o corpo da terra se constituem de formas orgânicas, sem ângulos retos, e que a vida flui em movimentos mais próximos ao curso dos rios, sem seguir a dureza da arquitetura ocidental ou o tempo linear cronológico.

Nesse sentido, a organicidade, o transbordamento, as quedas e ascensões presentes na obra de Cass são parte da busca pela essência do vivo que está em todos os corpos. Há uma fricção contínua entre as estruturas dadas e um movimento de vida que busca fluxos singulares, para além da estrutura. Tal fricção se dá por meio da experimentação na matéria. O fazer diário leva o artista de um procedimento que se repete à exaustão a uma abertura mínima no sistema, trazendo o novo. A repetição contínua cria a diferença.

Cass opera por meio de restrições técnicas definidas a priori, quase como regras de uma ordem superior executadas com precisão. Nas pinturas, a madeira cortada em ângulos específicos, o linho bem esticado sobre a madeira, os traços de concreto e pigmento desenhados sobre o linho, as cores em têmpera nas bordas. Nos vídeos, câmera parada, cenário de cores intensas, ações realizadas pelas mãos do artista dentro de um quadro retangular bem definido, repetidas trinta, quarenta vezes. As mãos trazem instrumentos que operam os cortes e transbordamentos contínuos da matéria, testando a capacidade dos corpos (orgânicos e inorgânicos) de conter ou derramar algum líquido, pó ou objeto.

É possível pensar que o mundo físico, da matéria, atua por meio das mãos do artista e dos instrumentos-objetos que reconhecemos (o livro, o concreto, o limão, o tijolo, a rosa), enquanto a cor surge como manifestação divina, corpo de luz que emana dos vídeos e pinturas. É como se pudéssemos, por meio de cada obra, acessar a prática diária do artista-monge, em que opera manifestações da matéria, gerando formas, cores e luzes que podem nos conectar a experiências elevadas, plasmadas em suporte material. A obra de arte proposta como chave para a elevação espiritual, tanto do artista como de quem a experimenta.